

## Editorial

Diante de um contexto de inúmeros retrocessos políticos, sociais e econômicos, a publicação do décimo terceiro número da Revista Marx e o Marxismo – Revista do NIEP pode ser encarada como uma forma de resistência aos constantes ataques à produção científica no geral e uma defesa da diversidade do debate acadêmico na área das ciências sociais e humanas em particular.

Mesmo diante de golpes, como no caso da Bolívia, e rumores de golpes, como foram as constantes declarações a favor do AI-5 no Brasil, a América Latina vive um cenário de resistência à contrainsurgência de governos que aplicaram e aplicam a cartilha neoliberal aliados à truculência necessária para a implantação desse modelo de projeto político. O Chile é o caso mais emblemático, mas existe ainda os levantes na Colômbia, Equador e a resistência indígena ocorrida na Bolívia diante da deposição do presidente Evo Morales.

Como será apresentado na seção *Notas Críticas* com contribuições do professor Adrián Sotelo Valencia, com os textos *Bolivia: del progresismo al golpe de Estado y la réplica de Guaidó* e *El gobierno trucho y la resistencia indígena-popular en Bolivia*. O professor e pesquisador do Centro de Estudios Latinoamericanos de la FCPyS da Universidad Nacional Autónoma de México apresenta como o golpe foi perpetrado pela oligarquia reacionária e racista, pelo alto comando do exército, por fascistas e paramilitares organizados em “comitês cívicos” para dar a aparência de “oposição cidadã” ao governo e patrocinados pelos Estados Unidos. Sotelo Valencia recupera Ruy Mauro Marini na análise da origem da contrainsurgência e da contrarrevolução, enquanto formas particulares da reação burguesa com semelhança ao fascismo europeu, que leva ao estabelecimento do golpe de estado sob a liderança militar na América Latina e no Caribe.

A resistência indígena-popular frente ao racismo paramilitar, que reprime o povo boliviano com crueldade e fúria sob as ordens da autoproclamada presidente, Jeanine Áñez, e militares corruptos que seguem as ordens de Washington, no emblemático ato racista de retirar e queimar a bandeira Whipala, símbolo das nações originárias. Esse movimento objetiva desnacionalizar os recursos naturais do país - com ênfase no lítio, mineral estratégico utilizado na fabricação de aço, baterias e em indústrias como a eletrônica – para transferir esses recursos para os processos de acumulação de capital nos Estados Unidos e para a oligarquia financeira.

Em nosso país, em um ano de governo reacionário de política macroeconômica *ultraliberal*, continuamos resistindo às *fake news* com as declarações do Abraham Weintraub, Ministro da Educação, que objetivam desconstruir a ideia de Universidade laica, plural, pública e socialmente referenciada. Além de evidenciar o desprezo que o atual governo possui pelo conhecimento científico, que caminha na direção das constantes e cotidianas declarações falsas ou distorcidas do Presidente da República, que até o dia 13 de dezembro de 2019 foram 542<sup>1</sup>.

Em uma de suas declarações falsas, o Presidente afirmou que o Brasil é o país que mais preserva no mundo, contrariando dados do Banco Mundial e do *Environmental Performance Index*, nesta última pesquisa nosso país apareceu na 69ª posição. Ao ignorar temas cientificamente comprovados, a atividade das mineradoras e a fronteira agrícola se expandem, destruindo ainda mais a Amazônia, privilegiando os processos de expropriação do capital. Ao mesmo tempo, “queima” a imagem das nossas *commodities* que passam a evidenciar que a “responsabilidade social e ambiental” é uma falácia, principalmente, na periferia do mundo. E as *fake news* não se limitam à guerra de retóricas mas materializam-se em ações concretas, como foi a prisão de três brigadistas em Alter do Chão – PA, em novembro deste ano, baseados em um frágil inquérito policial, contudo forte o suficiente para atizar as declarações falsas de supostas ONG’s incendiárias na Amazônia.

Somente este ano foram 27 pessoas mortas em conflitos no campo, desse total 7 eram líderes indígenas, o maior em 11 anos, de acordo com a Comissão Pastoral da Terra<sup>2</sup>. A política secular racista de extermínio de povos originários e da população negra é fortalecida pelo discurso governamental de ódio e intolerância e pelo “pacote anti-crime” do atual Ministro da Justiça, Sérgio Moro. Casos como os das 5 crianças e dos 19 adolescentes mortos em favelas do Rio de Janeiro, somente este ano, em ações da Polícia Militar (PM), assim como a chacina no baile funk DZ7, em Paraisópolis, que matou 4 adolescentes e 5 jovens, explicitam esta política de séculos da nossa formação social.

Sensível às variadas expressões de violência e opressão, o Niep-Marx organizou em agosto a edição internacional do congresso *Marx e o Marxismo 2019: marxismo sem tabus – enfrentando opressões*. Os artigos de Rhaysa Fonseca e Marcio Lauria Monteiro são fruto de comunicações apresentadas durante o evento, gerando importantes debates entre os participantes.

A transversalidade de determinantes ontológicos da vida social como classe, gênero, raça-etnia, meio ambiente, aclaram a importância do método de análise do

<sup>1</sup> Verifique em <<https://aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/>>. Acesso em 16 de dezembro de 2019.

<sup>2</sup> Verifique em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2019/12/10/numero-de-mortes-de-lideres-indigenas-e-o-maior-em-11-anos.htm>>. Acesso em 17 de dezembro de 2019.

real. Neste sentido que o artigo *Contribuições da teoria da reprodução social para o debate contemporâneo sobre as opressões* de Rhaysa Fonseca apresenta as principais contribuições da Teoria da Reprodução Social (TRS) para o debate de opressões no capitalismo, relacionando gênero, classe e raça. Ancorada no princípio da totalidade social, a TRS é considerada hoje um dos campos mais pujantes e críticos dos escritos feministas, compreendendo de forma integrada opressões identitárias, exploração e alienação sob o Capital.

Já Adriano Lopes Almeida Teixeira objetiva em seu artigo não utilizar análises frequentes sobre a relação entre Marx e os economistas clássicos. Em *Definitivamente, Marx não foi um economista clássico!*, Teixeira busca realçar que Marx em seu método de apreensão do real, por meio do movimento de suprassunção (*Aufhebung*) supera a Economia Política clássica e chega ao fim não sendo nem o Marx filósofo, nem o Marx economista, mas o Marx crítico da Economia Política.

O artigo intitulado *Lenguaje y política en El Dieciocho Brumario de Luis Bonaparte de Karl Marx* de Javier Balsa realiza uma análise sobre *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, entendido como um esforço de Marx em compreender a “luta por significados” no campo da linguagem política na França em meados do século XIX. Assim o processo revolucionário não estaria restrito apenas à tomada do poder, mas inclui a disputa simbólica da política, envolvendo a construção e resignificação da história, de heróis e categorias.

Trazemos ainda a segunda parte do artigo de João Bernardo intitulado *Economia de trocas de presentes* – a primeira parte foi publicada na edição anterior. Bernardo continua sua análise sobre o modelo de produção e trocas em sociedades pré-capitalistas como um sistema de troca de presentes denominado por Marcel Mauss como *potlatch*, focalizando a questão da dádiva e das espoliações como uma dialética da troca e os processos de reprodução simples e ampliada nessas sociedades.

O artigo de Márcio Lauria Monteiro *As revoltas por democracia socialista no “bloco soviético” e as transformações do Stalinismo (1953-56)* versa sobre as revoltas e contradições intrínsecas aos regimes socialistas do Leste Europeu. O processo de expansão do stalinismo e conseqüente construção de ditaduras burocráticas no Leste enfrentou variados tipos de resistência nos diferentes países na busca por uma democracia socialista. Os confrontos entre as perspectivas conservadoras, alinhadas com a burocracia, e reformadoras, ligadas aos grupos resistentes, constituem chave fundamental para a compreensão do processo de desagregação do bloco soviético em fins do século XX.

Neste número publicamos além das *Notas Críticas* com a análise de Adrián Sotelo Valencia dentro da perspectiva da Teoria Marxista da Dependência – TMD, o artigo *Fascismo e Contrainsurgência: Esboço sobre contribuições da teoria marxista da dependência em relação ao caráter dos Estados de exceção na América Latina* de Gustavo Santos da Silva. No qual o autor retoma importantes

contribuições da TMD como *Estado de Contrainsurgência e Superexploração da Força de Trabalho* e apresenta o valioso e atual debate entre Pío García, Agustín Cueva, Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos sobre as particularidades dos Estados de exceção, do fascismo e dos antigos e novos dilemas latino-americanos nos países de capitalismo dependente.